

a serpente no sótão

pedro medina ribeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para os meus filhos, Sofia e Alexandre



A Donzela e a Morte

I

Ao contrário do que me parece ser a predisposição natural dos que me rodeiam, não tenho qualquer predilecção por temas mórbidos. Conversas sobre doenças enfastiam-me, e há muito que desisti de compreender o entusiasmo partilhado pelo relato pormenorizado de intervenções médicas, sendo a menção ao tema o quanto baste para me afastar com a celeridade possível. Este meu comportamento é, de resto, motivo de troça entre amigos, indo eu ao ponto de suspeitar que assuntos clínicos possam ter sido levantados em ocasiões em que a minha presença era menos oportuna.

Propondo-me, agora, a partilhar uma narrativa insólita em que me vi involuntariamente envolvido, quase sinto necessidade de lembrar que não tenho responsabilidade sobre os contornos macabros da aventura. E se não vejo razão para me desculpar, achei por bem referir a natureza dos factos para que aqueles que, como eu, se sentirem melindrados pelo tema, possam interromper a leitura antes de se comprometerem com uma história que, por muito curiosa que seja, lhes possa perturbar o sono.

De resto, admito que, sendo eu de temperamento sensível, encontrei motivo de angústia onde outros, possivelmente, descobririam razões de divertimento. Se faço aviso da impropriedade do conteúdo, admito que outros a exaltassem e a enaltecessem como história de família, condescendendo, porventura, em esperar pelo fim da ceia, para que as crianças se deitassem, mas não poupando pormenores e, certamente, introduzindo um ou outro aspecto que acrescentasse horror à narrativa. Mas alongo-me desnecessariamente, relatem os factos.

II

Desde que saí da alçada paterna, mudei três vezes de casa.

Quando fui estudar para Coimbra, vivi num quarto recomendado por uma tia solteirona, que, sob a disciplina férrea de *Fraulein* Plorin, mais parecia uma prisão e que não vejo razão para entrar nesta contabilidade, mas quando arranjei colocação como homem de leis e recebi o primeiro salário, sentindo-me próspero e otimista, admito ter excedido um pouco as minhas possibilidades, alugando todo um primeiro andar. Arranjei uma governanta e endividei-me para comprar boas mobílias (o armário flamengo que ainda hoje impressiona os meus amigos foi uma aquisição dessa altura).

Sem que o futuro tivesse desmentido as facilidades que eu idealizara, e não obstante a minha juventude, fui de seguida nomeado procurador noutra província. Quando me mudei, tive o bom senso de escolher uma casa adequada ao tamanho da família que pretendia construir e, mais uma vez, a Providência foi-me benfazeja: meses depois casava-me e aí vivi quatro décadas da minha vida.

Os anos passaram numa doce tranquilidade, até que a lei a que todos obedecemos me separou da minha companheira. Quando os degraus para os quartos se tornaram tão penosos quanto as recordações dos anos felizes, quando a velha governanta pediu para ser dispensada e a vida na cidade não só perdeu o interesse como era motivo de angústia, vendi a casa com lucro e, cumprindo um sonho antigo, decidi retirar-me para o campo.

Recordando as viagens de mula que na juventude fizera pelas Beiras, procurei certo vale florido onde, por vezes, desmontava e dormia a sesta à sombra de um castanheiro. Se o vale foi fácil de localizar, o mesmo não se poderá dizer de um sítio habitável: só após semanas de aturadas buscas vi os meus esforços recompensados e acreditei ter encontrado a morada onde terminaria os meus dias.

Tratava-se da habitação principal de uma pequena granja que conhecera melhores dias, mas que exerceu de imediato um apelo bucólico sobre a minha alma cidadina. O solo tinha a cor da terra fértil e havia um poço de águas frescas. As dependências eram as que nos habituámos a encontrar nestas propriedades: um celeiro, um estábulo, uma adega e um casebre onde vivia o caseiro, cuidando da propriedade pelo usufruto de um

pequeno pomar e de uma horta. Explicaram-me que a quinta pertencera, durante gerações, a uma família local, até que o seu último descendente, certo barão de má memória, caíra em desgraça e morrera atolado em dívidas. Desde então, à parte a discreta presença do caseiro, a granja estava abandonada e era, ao momento, propriedade de uma sociedade de credores que esperava pela venda para se ressarcir dos prejuízos.

Tentei dissimular o meu interesse, mas, enquanto inspeccionava a propriedade afundando as botas na lama, entusiasmei-me idealizando uma nova existência e, rejuvenescido, imaginei-me lavrador. Eu, que dias antes me queixava da violência que era vencer um lanço de escadas, via-me conduzindo uma junta de bois, dando ordens sobre sementeiras, supervisionando colheitas, inspeccionando colmeias, podando vinhas, produzindo conservas, compotas e licores. E mesmo reconhecendo que não seria empresa para levar avante — que os meus conhecimentos da lavoura são reduzidos e nem os salutareis ares do campo submetem a artrite e o reumático —, achei que seria perfeitamente competente para manter uma vaca, cujo leite beberia pela manhã e de cuja nata faria manteiga. Nestas considerações românticas de velho misantropo, não duvidei de que o semblante bovino do animal fosse o melhor confidente para as minhas reflexões sobre o dia que findava, mas, ao examinar o estábulo, desisti da vaca e decidi que o espaço seria mais bem aproveitado para fazer acomodar um alambique.

Em suma, a pequena quinta conquistou-me e, semanas depois, mudava-me.

III

Outro aspecto que me agradava na propriedade era o seu relativo isolamento. A povoação mais próxima era uma pequena vila de que estávamos separados por uma caminhada de vinte minutos, e percebi que decorreriam dias inteiros sem que pousasse os olhos em vivalma.

É certo que partilhava a granja com o caseiro, mas a sua fisionomia antipática não enganava: o homem não mantinha relacionamentos de qualquer espécie e não é exagero dizer que me evitava. Apesar de vivermos a duzentos passos um do outro, não havia qualquer convívio entre nós e os contactos cingiam-se ao estritamente necessário. De certa forma, também

contribuía para o isolamento o seu cão feroz, que de dia estava preso por uma corrente e à noite era deixado à solta, de uma forma ou de outra fazendo afastar com respeito qualquer caminhante que se aproximasse pela estrada, a começar por mim.

Todavia, embora me julgasse apartado da pequena vila, o sentimento não era recíproco e a comunidade, pouco habituada a ver-se motivo do interesse de forasteiros, recebeu-me de forma calorosa como um dos seus. Desde logo, fui alvo das melhores atenções e vi-me, inclusive, distinguido com o maior privilégio dispensado a um concidadão: ser convidado para o célebre almoço domingueiro do Dr. Pereira, que fora cirurgião no Porto e que tinha a fama de ser o melhor garfo a norte do Tejo.

As solicitações sociais, obrigando-me a trejeitos de cortesia, atrapalhavam-me a instalação na granja e contrariavam as minhas propensões solitárias. Mas, apesar de inoportuno, o convite era irrecusável e, chegado o dia, dirigi-me a casa do médico, esforçando-me pela pontualidade.

Bati à porta quando o sino da igreja de S. Nicolau dava as doze badaladas, mas fui o primeiro a chegar e, por momentos, receei ter lido mal o convite. A inquietação durou pouco: o próprio Dr. Pereira veio receber-me e conduziu-me ao jardim onde, para aproveitar aquela que seria a última tarde de Outono em que o Sol descoberto autorizava uma refeição no exterior, fora posta uma comprida mesa rústica.

Os outros convidados não se fizeram esperar e em breve estava reunida a confraria. Havia caras que eu já conhecera, mas resultou inglório o esforço para recordar nomes e evitei pronunciar-me a fim de não fazer má figura.

Suspeitando de que a atribuição de lugares obedecesse a regras bem estabelecidas, esperei que me sentassem e, depois de algum debate, colocaram-me entre um guarda-livros e um juiz de paz, o decano da confraria, que se sentava à direita do anfitrião, e que estava entusiasmado com a perspectiva de ter um interlocutor para conversar sobre as alterações ao Código Penal. À nossa frente ficaram o capelão, um beato com uma camisa de peitilho fora de moda, e o irmão, um capitão de infantaria que se apresentara fardado e que coxeava de um ferimento antigo, que eu desconfio que nada teria que ver com campanhas militares. No outro extremo ficou o farmacêutico e um primo do médico, com ar austero, vagamente monástico. Quando estávamos todos à mesa, de guardanapo nos queixos, o Dr. Pereira bateu palmas e teve início o banquete *à la russe*.

Era justificada a fama dos almoços: nas horas que se seguiram, suntuosos pratos foram servidos ininterruptamente. Lembro-me de ter provado

sopa de cogumelos, truta do lago, empadão de carpa, pombo recheado, coelho à provençal e um perfumado ganso no forno. E quando pensava estar terminada a refeição, chegaram ainda lombo de borrego assado, galo dourado e almôndegas de peru. As sobremesas tinham sido encomendadas a uma casa afamada e os vinhos foram servidos com prodigalidade. A refeição prolongou-se por toda a tarde e reconheci publicamente que não comia assim desde que frequentava a casa do tesoureiro do Príncipe Regente, que pesava dez arrobas e era o maior glutão que conheci.

As conversas faziam-se de forma entrecortada — um assunto interrompido pela chegada de um prato —, mas, à medida que a tarde avançava, foi-se perdendo a capacidade de retomar o fio à meada e os raciocínios elaborados foram sendo substituídos por expressões monossilábicas, sons de prazer, estalos de língua e murmúrios sensuais. Aos poucos, abandonaram-se os esforços de versar sobre assuntos elevados, limitando-se os comensais a discorrer sobre os pratos elaborados, o vinho, as sobremesas e as diferentes qualidades da aguardente. Eram prazeres de velhos, mas tinha de admitir que era capaz de me habituar àquele tratamento que, apesar de exigir boas digestões, me parecia uma forma inocente de passar a tarde de domingo. Pelo menos, para quem não sofresse de gota ou dispepsia.

Por fim, os excessos foram derrotando alguns convivas. O farmacêutico, que se fizera acompanhar de uma pequena almofada, pediu autorização para adquirir uma terapêutica posição horizontal à sombra de uma cerejeira, e instantes depois a sua barriga subia e descia ao ritmo da respiração adormecida, acompanhada pelos sons pesados de um fôlego arrancado às profundezas do peito. O vinho que adormecera o farmacêutico tivera sobre outros convidados efeitos menos pacíficos. O habitualmente seráfico capelão parecia outro: excitado, vociferava contra os avanços das ideias liberais e alertava para os perigos das liberdades individuais, dos comportamentos dissolutos e da moral devassa, enquanto o senhor Valente, o guarda-livros, homem progressista que mais tarde vim a saber ser pedreiro-livre, contrapunha, esforçando-se por enumerar uma lista de escândalos envolvendo clérigos réprobos. E com tal violência se empenhava no exercício de desmentir o capelão que me pareceu que o provocava, tentando obter uma reacção que reforçasse a sua tese do mau carácter dos homens de igreja. O nosso anfitrião, de temperamento mais fleumático, emudecera e, escutando o gorjeio de um tordo, tornara-se sentimental. Levava amiúde o lenço aos olhos, só falando para lamentar a ausência da sua madrinha, que fazia certo pudim de castanhas. Eu arrotava discretamente e a tudo assistia, como um

bom aluno, esforçando-me por aprender os nomes de todos e familiarizar-me com aquela pequena comunidade que tão generosamente me acolhia.

A tarde caía e a humidade penetrava nos ossos. Arrependi-me de não ter trazido melhor agasalho. Ao contrário dos outros convidados, teria ainda uma caminhada pela frente, conhecia mal o caminho e não desejava ser surpreendido pelo anoitecer. Não queria ser o primeiro a sair, mas na melhor oportunidade levantei-me, agradeci a esplêndida refeição e despedi-me.

O bom anfitrião, comovido, abraçou-me e fez um comentário que me pareceu sincero, exaltando a minha presença e a alegria que esta lhes proporcionara, e que esperava voltar a ter-me, nos próximos almoços, pontualmente no primeiro domingo do mês. Em voz alta, como que falando em nome de todos, proferiu uma sentença um tanto hermética sobre o prazer que sentiam pelo facto de estar finalmente ocupada a casa do antigo barão e que esperava “que tal, marcando o fim de uma época e o dealbar de outra, fosse o prenúncio de melhores dias e o ocaso de funéreas disposições que ensombravam não apenas uma casa, mas toda uma comunidade”. A referência ao antigo dono da minha propriedade teve o condão de despertar do torpor os convidados meio adormecidos, causando nítido desconforto. Houve tentativas um tanto óbvias para desconversar e achei por bem deixar cair o assunto de mal disfarçado incómodo.

O Dr. Pereira ofereceu-se para me acompanhar à porta. Dispensou-me um capote e mandou aparelhar uma caleche que me levasse de volta. Só na rua, já de capote vestido, enquanto esperava que acendessem as lanternas da carruagem para seguir caminho, mais por cortesia do que por curiosidade, arrisquei perguntar a que se devera o desaparecimento precoce do antigo dono da minha granja e do qual eu quase nada sabia.

— Dívidas — foi a única resposta que obtive, antes de a caleche partir a trote.

Quando cheguei à granja, já as estrelas brilhavam e havia uma quietude surpreendente. Tirando uma luz no tugúrio do caseiro e o piar de uma coruja, não havia sinais de vida. Até o cão feroz já se ia habituando à minha presença e não ladrou.

Abri a porta e senti o cheiro da minha nova casa. Era um misto de humidade e de feno, de soalho encerado e de madeiras antigas. Acendi uma vela, descalcei as botas e subi até ao quarto, arrastando os passos. Apesar de ser cedo, apaguei a luz, mas o sono demorou a chegar. Arrependido dos excessos cometidos à mesa, indisposto e sujeito às reclamações da bília, acabei

por adormecer. Porém, passei mal a noite, acordando a espaços. E, sem que soubesse dizer porquê, a imagem do barão permanecia comigo.

IV

O Outono parecia arrependido de se ter feito esperar e, na manhã seguinte, o tempo mudara. Arrefecera bastante e ameaçava chover.

Acendi o fogão de sala pela primeira vez. Apetecia-me ficar sentado, com um dos muitos livros que a mudança me fizera reencontrar, mas não havia tempo para semelhantes ócios: era necessário acompanhar os trabalhos do estucador e do carpinteiro que reparavam as paredes e os telhados, mas que pareciam não trabalhar senão se eu estivesse constantemente a vigiar os seus progressos.

Foi então que reconheci que me precipitara, que fora imprudente mudar-me sem ter terminado as obras primeiro, demasiado temerário numa idade em que as mudanças se querem avisadas.

Porém, de todas as contrariedades que eu experimentava, a que mais me preocupava e que eu não antecipara de forma alguma era a dificuldade em conseguir criada. Parecia impossível, mas havia vários dias que eu desenvolvia esforços nesse sentido sem qualquer êxito. No raio de algumas léguas não se encontrava uma jovem disposta a servir. Todas as tentativas que eu fizera pareciam bem encaminhadas até explicar onde residia. Ao perceberem que se tratava da granja do barão, as raparigas apressavam-se a escusar-se, com melhores ou piores desculpas, mas sempre categóricas, e a entrevista resultava num fracasso. Depois de muita procura, e por uma quantia exorbitante, arranjei uma mulher de idade avançada e dura de ouvido que cozinhou sofrivelmente, e que se ia embora assim que me servia, parecendo sentir repulsa pela vassoura que eu lhe colocava à vista.

Entre consertos e arrumações, papéis e preocupações, entre limpezas e diligências várias, se foram passando os primeiros tempos desta nova vida no campo, e não guardaria especial memória destes dias se não tivesse acontecido o episódio desagradável que passo a relatar.

Duas ou três semanas depois do almoço do Dr. Pereira, como as obras se fizessem a bom ritmo e os livros encontrassem morada em novas estantes, resolvi obedecer a certa prescrição médica e dar um passeio pela

natureza. Em vez de percorrer o caminho habitual e tomar a estrada que segue ao longo do riacho em direcção à vila, cortei para norte e entrei no bosque de carvalhos, nas faldas de uma pequena elevação que os locais insistem em chamar montanha. Depois de uma caminhada lenta e contemplativa, cheia de paragens para me familiarizar com a paisagem, cheguei a uma extremidade do bosque. Terminavam as árvores e tinha início uma grande extensão de campos lavrados. Nos últimos dias, voltara a considerar com seriedade os meus planos de me tornar agricultor e de fazer da granja uma propriedade que produzisse, em vez de estar ao abandono. Aquela visão dos campos revelava-se uma concretização inspiradora que me dava prazer contemplar.

Com os olhos no que estava longe, distraí-me com o que estava perto e quase tropecei numa galinha. A ave surpreendeu-me, esvoaçando-me no meio das pernas, quase me fazendo trocar os passos e perder o equilíbrio. Só então, olhando em volta, descobri uma casa modesta, provável habitação de lenhador, à porta da qual uma mulher interrompera o seu trabalho com a roca e o fuso para observar o incidente. Ainda mal recomposto, cumprimentei-a. A fiandeira não me respondeu de imediato, continuou o seu exame e quando, conformado com a sua mudez, me preparava para seguir caminho, dirigiu-se-me, perguntando se eu vinha da quinta do barão. Confirmei, surpreendido pela perspicácia, pois ainda não me habituara ao facto de as notícias correrem céleres e de eu estar agora a residir numa comunidade pequena, em que raramente há caras novas. Ao obter a confirmação do meu local de residência, a mulher benzeu-se e disse certas palavras que tomei como um esconjuro. Por fim, recomendou-me a um santo da sua devoção e insistiu para que eu aceitasse um rosário com contas de madeira, oferta que, desde então, sempre me acompanha.

Interpretei o episódio como uma manifestação de loucura, deixei-lhe uma moeda de prata e afastei-me tão depressa quanto pude. Poder-se-á dizer que fui ingénuo, que não haviam faltado sinais, mas a verdade é que esta foi a primeira vez que me apercebi da superstição que rodeava a figura do antigo barão, bem como a própria granja. Fora preciso instarem-me a rezar para que eu percebesse que habitava uma casa maldita aos olhos de todos.

Este incidente teve outra consequência, além de me deixar a pensar sobre a figura do barão e o que ela representava: abreviou a caminhada, fazendo-me voltar para trás mais cedo. Esperava-me uma surpresa desagradável.

Encontrei a porta de casa aberta. Lembrava-me de a ter fechado porque a madeira prende na ombreira e é preciso forçar a sua abertura ou fecho.

Cauteloso, espreitei, mas não vi ninguém. Entrei, silencioso, e apercebi-me de barulho na sala. Avancei com determinação e fui surpreender o caseiro espreitando por entre os meus papéis.

— Mas o que vem a ser isto? O que queres daqui? — gritei-lhe, irado.

Sobressaltou-se, mas não se dignou responder-me. Lançou-me um olhar de ódio, empurrou-me, quase me derrubando, e saiu sem uma palavra.

O episódio era grave e, a menos que houvesse uma boa justificação, a menos que fortes motivos me fossem apresentados juntamente com um sincero pedido de desculpas, teria de despedir o sujeito. Estava decidido! Não o queria voltar a ver. No dia seguinte, pô-lo-ia fora.

Só que devia ter tratado do assunto de imediato: à medida que o tempo passava e que me acalmei, especialmente depois de uma noite bem dormida sob o peso da caminhada pelo bosque, o meu temperamento compassivo esvaziou o incidente. Considerei a atitude uma indiscrição e um abuso, mas tinha mais com que me preocupar e, como não vi o caseiro nos dias que se seguiram, esforcei-me por ignorar a situação. Resolvi o caso passando a fechar a porta à chave e decidindo-me a vigiar o homem.

V

De resto, o tempo passou sem novidade e foi quase com surpresa que, certa manhã de sábado, vi chegar um rapaz afogueado pela estrada da vila. Trazia-me um cartão do Dr. Pereira lembrando-me de que já passara um mês e que eu era esperado, no dia seguinte, para o almoço domingueiro.

O meu primeiro instinto foi recusar, mas convim que me faria bem a companhia de outras pessoas e que bem podia apreciar uma refeição de jeito, tivesse eu alguma temperança e moderasse o apetite, evitando indisposições biliosas. Confirmei a presença e mandei entregar uma caixa de velhos vinhos que guardava havia anos e que, esperando um pretexto de celebração, se arriscavam a avinagar.

No dia seguinte acordei cedo e arranjei-me com algum esmero, não por especial vaidade ou cerimónia, mas porque, vivendo afastado das pessoas, era fácil negligenciar alguns cuidados e converter-me num selvagem.

Tinha mandado colocar novas molas e reforçar o eixo de uma velha caleche que descobrira a apodrecer no estábulo. Também comprara uma

égua que, sem estar no vigor da idade, seria capaz de me transportar sem reclamações de maior. Fora uma decisão prudente: o transporte encurtara as distâncias e a granja parecia-me mais próxima de tudo, incluindo do barbeiro, da mercearia ou da farmácia.

Perto do meio-dia, eu próprio atrelei o animal e pus-me a caminho. Desta vez resolvi atrasar-me um pouco para não ser o primeiro a chegar, mas, decididamente, estava com dificuldade em acertar: fui o último e percebi que era esperado com impaciência.

A mesa estava posta no interior, numa sala de jantar com um louceiro elegante e o tecto pintado. Fora usada uma baixela de cerimónia, talheres de prata com cabo de chifre e copos de cristal da Boémia. De resto, a refeição esteve ao nível do que eu conhecera na visita anterior e foi um alívio verificar que as minhas garrafas não me envergonharam.

Talvez para amenizar o ambiente — já que o capelão e o guarda-livros estavam de relações cortadas desde o último almoço —, talvez por deferência para comigo, adivinhado que eu teria muito a aprender sobre a gestão de uma quinta ou, simplesmente, pelo prazer de acrescentar gente à sua mesa, para além dos convidados habituais, o médico trouxera um tal Domingos Ferreira, jovem engenheiro de Viseu que estudava agronomia e que estava de passagem, familiarizando-se com os métodos de lavoura locais. De facto, conversámos longamente e o engenheiro ofereceu-se para visitar a granja e ver o que é que estaria ao meu alcance fazer para contrariar o declínio do que em tempos fora uma quinta produtiva.

Houve ainda outra razão para o almoço ter sido proveitoso: ouvindo os meus lamentos, o Dr. Pereira compadeceu-se de mim e cedeu-me uma criada para, três vezes por semana, ir à granja tratar-me das roupas e fazer limpezas. Não representava ainda a solução do problema, pois eu precisava de alguém a tempo inteiro, mas era uma ajuda providencial.

Terminada a refeição, os convivas levantaram-se, serviram-se de café e licores e distribuíram-se em grupos animados. O capelão e o guarda-livros resolveram que a zanga autorizava um jogo de cartas e sentaram-se, com o capitão e o juiz, em volta de um baralho. Os outros discutiam política e fumavam, enquanto o farmacêutico se entregava a profundos pensamentos íntimos, refastelado numa poltrona, de olhos fechados.

Tirando partido de uma certa cumplicidade que se criara entre mim e o cirurgião, aproveitando um momento em que ficámos a sós, perguntei que tipo de homem era o barão. O Dr. Pereira não respondeu de imediato. Encheu o cachimbo enquanto pesava as palavras. Por fim, disse que o

barão tinha um temperamento difícil e que não era especialmente querido na vila. Pelo contrário. As pessoas responsabilizavam-no pela degradação da quinta, que no passado fora próspera e empregava muita gente, mas que sob a sua direcção deixara de produzir. Parece que gostava de beber e de jogar e, quando morreu, devia dinheiro a toda a gente. Tinha mau feitio, não admitia ser contrariado e não se inibia de estalar o chicote nas costas do infeliz que lhe fizesse frente ou que o desdisse. O próprio cirurgião pôde confirmar a sua violência, pois fora chamado a acudir a vítimas da sua irascibilidade.

— Não foi uma nem duas vezes que deixou gente entre a vida e a morte — disse. — Eu próprio assisti alguns infelizes que ele sovou e não era um espectáculo bonito de se ver. Era senhor de uma crueldade terrível e era perfeitamente impune, pois ninguém se atrevia a enfrentá-lo. O único que lhe fazia frente era o caseiro.

— Qual caseiro? O meu caseiro?

O senhor Abílio, o guarda-livros, aproximou-se, mas o Dr. Pereira não se interrompeu.

— Sim. E por isso mesmo o barão respeitava-o.

O recém-chegado, percebendo do que falávamos, confidenciou em voz baixa:

— Fui eu quem o desceu.

— Desceu? Como assim? — perguntei.

— O barão.

— Não compreendo.

— Fui eu quem desceu o corpo do barão da forca. Tinha lá ido por causa da Teresinha e...

Fiquei sem saber quem era a Teresinha, porque nessa altura chegou o capelão e o senhor Abílio remeteu-se ao silêncio. A conversa mudou de rumo e fiquei na ignorância acerca dos pormenores do caso.

Nessa noite, regressado à granja, entreguei-me a reflexões lúgubres e, se primeiro fui dominado por uma melancolia, depressa senti o coração bater no peito, numa ansiedade opressiva. Pensava no barão, o antigo dono que habitara esta casa, que se deitara naquele mesmo quarto e que se teria suicidado. Tanta violência, tanta arrogância, para depois o destino lhe reservar um final tão pouco heróico...

Começou a chover. A chuva batia forte nas vidraças. Ocorreu-me uma ideia desagradável: onde teria o barão cometido esse acto contrário à lei de Deus e dos homens? Ao ouvir a história, imaginara um corpo pendurado

numa árvore, balançado pelo vento, mas, agora que reflectia no assunto, convencia-me de que ele teria evitado expor-se a olhares que desprezava e que teria posto termo à vida dentro de casa. Talvez até neste mesmo quarto, o quarto principal, onde certamente dormia.

Não consegui impedir-me de olhar para o tecto. Sobre a maior trave de carvalho, um gancho de bronze suspendia o lustre. Estes pensamentos tinham uma qualidade perturbadora, as imagens materializavam-se. Era como se visse diante de mim o corpo a espernear, o rosto deformado no esgar de sofrimento de alguém que sabe que vai morrer. Eram pensamentos horríveis, mas não conseguia afastá-los, como um réptil que nos causa asco mas de que não conseguimos desviar a vista.

Quando temos uma ideia fixa, tudo parece concorrer para a suportar e quaisquer acontecimentos sem relação se apresentam como provas irrefutáveis de uma tese. Naquele momento, convenci-me de que a dificuldade em arranjar criada se prendia com a superstição das raparigas em trabalhar naquela casa. Talvez a supusessem assombrada. Lembrei-me da velha fiandeira que eu encontrara à saída do bosque, das suas recomendações, e um arrepio percorreu-me a espinha. Levei a mão ao bolso e senti as contas de madeira do rosário. Percorri-as com os dedos.

Tentei racionalizar o desconforto. Não acredito em fantasmas, sou um espírito racional, positivista, mas a forma mais imediata de apaziguar os meus receios foi pensando que não tinha qualquer razão para concluir que o barão se tivesse enforcado neste quarto. Qualquer das divisões principais estava preparada para receber um lustre de tecto, onde um homem desesperado pudesse suspender uma corda e pôr termo à vida. Porque é que haveria de ter sido no meu quarto de dormir? E, no entanto... algo me dizia que sim. Sentia-o.

Uma coruja pousou numa árvore próxima, e o seu piar agoirento desinquietou os ratos que percorriam o sótão, sapateando sobre a minha cabeça. Nestas condições, com o cérebro excitado, era impossível conciliar o sono. Decidi levantar-me.

Sentei-me na cama e tacteei o chão, procurando com os pés os meus chinelos de quarto. Ergui-me e as tábuas velhas do soalho rangeram, soltas, sob o meu peso. Tomei nota mental de que teria de as mandar fixar. Vesti o robe e acendi uma vela na palmatória. Peguei num livro e pensei em dirigir-me para a sala, avivar o fogão e esperar no sofá que nascesse o dia.